

APACHE DRUMS / 1951

A Revolta dos Apaches

Um filme de **Hugo Fregonese**

Realização: Hugo Fregonese/ **Argumento:** Harry Brown, David Chandler (e Val Lewton, não creditado), segundo o romance «Stand at Spanish Boot», de Harry Brown/ **Fotografia:** Charles P. Boyle/ **Direcção Artística:** Robert Clatworthy, Bernard Herzbrun/ **Montagem:** Milton Carruth/ **Música:** Hans J. Salter/ **Intérpretes:** Stephen McNally (Sam Leeds), Coleen Gray (Sally), Willard Parker («Mayor» Joe Madden), Arthur Shields (Reverendo Griffen), James Griffith (Tenente Glidden), Armando Silvestre (Pedro), Georgia Backus (Mrs. Keon), Clarence Muse (Jehu), Ruthelma Stevens (Betty Careless), James Best (Bert Keon), Chinto Guzman (Chacho), Ray Bennett (Keon)

Produção: Val Lewton, para a Universal-International/ **Cópia:** DCP, colorida, versão original legendada electronicamente em português/ **Duração:** 75 minutos/ **Estreia Mundial:** Estados Unidos, Abril de 1951/ **Estreia em Portugal:** cinema Capitólio, 3 de Fevereiro de 1953

A diversos títulos **Apache Drums** é um filme deveras interessante. No género em que se inscreve é um western “clássico”, querendo isto dizer que explora e desenvolve todos os clichés e estereótipos, de situações e personagens da produção corrente do género no seu tempo. O cinéfilo, conhecedor do western, reconhece-os facilmente, das “bailarinas” do saloon expulsas da cidade, ao jogador forçado também a abandoná-la. Não faltam o sheriff zelador da ordem (mas com uma variante, sendo aqui também o ferreiro da cidade), o pregador, a multidão que se prepara para linchar o jogador, a cavalaria e os índios, neste caso os apaches Mescaleros. Temos o duelo da praxe logo a abrir, uma boa luta entre o jogador e o sheriff, acesos combates com os índios e, “last but not the least”, a cavalaria surgindo “in extremis” para salvar o dia, o clássico “last minute rescue” de Griffith. Deste ponto de vista nada distinguiria **Apache Drums** de outros westerns B do seu tempo, como **Flaming Feather/O Grande Baluarte**, de Ray Enright, **Tomahawk/Grito de Guerra**, de George Sherman, **Warpath/Sede de Vingança**, de Byron Haskin, **Little Big Horn/Patrolha de Cavalaria**, de Charles Marquis Warren, **Rocky Mountain/Abnegação Heróica**, de William Keighley, e muitos outros, como os inevitáveis “oaters” com Audie Murphy. O que torna, então, tão interessante, o filme que vamos ver? Dois factores; um, talvez de pouco relevo, o outro fundamental e decisivo.

No primeiro caso temos o realizador, Hugo Fregonese. Não que este realizador argentino seja uma peça fundamental. Seria interessante descobrir os seus primeiros filmes feitos na Argentina, onde se destacam o primeiro, **Pampa Barbara** (que refez na Europa em 1966 com o título **Savage Pampas/Pampa Selvagem**) e o último, **Apenas Un Delincuente**. Fregonese, após este filme mudou-se para Hollywood (que já conhecia), por não lhe serem muito saudáveis os ares da Argentina peronista. Este período hollywoodesco que vai até 1954 comporta alguns títulos interessantes, principalmente **My Six Convicts/Os Meus Seis Criminosos** e **Man in the Attic/Jack o Estripador**, com um impressionante Jack Palance. **Apache Drums** foi o segundo western de Fregonese, após **Saddle Tramp/Quatro Filhos e Uma Noiva**. Voltaria a ele com **The Mark of the Renegade/A Marca do Renegado**, **Untamed Frontier/Fronteiras Humanas** (uma curiosa variação

de **Duel in the Sun**) e **The Raid/A Ferro e Fogo**. Esta série de filmes permite vê-lo como um hábil gestor de acção, num estilo rápido (que pode ficar emperrado por causa do argumento como acontece na primeira parte de **Apache Drums**, com excesso de diálogo), destacando-se pela economia de meios. Estas características são bem evidentes em **Apache Drums**, como na cena de abertura (o duelo entre Stephen McNally e o outro jogador, praticamente elidido da narrativa, chegando até nós apenas pelo som do tiro que se sobrepõe à imagem do camponês que dá leite ao gato) e no combate com os índios, no regresso do rio a que foram buscar água (o poço está condenado devido ao cadáver do jovem (James Best) que os índios lançaram para o interior).

Mas o elemento fundamental para o resultado do filme está no nome do produtor. **Apache Drums** foi o último filme produzido por Val Lewton, um nome bem conhecido do cinéfilo pela peculiar série de filmes de suspense e terror por que foi responsável na década de 40 e que inclui títulos tão famosos como **Cat People/A Pantera**, **I Walked With a Zombie/Zombie** e **The Leopard Man/O Homem Leopardo**, todos de Jacques Tourneur, para além de **Bedlam/A Casa Sinistra**, de Mark Robson e **The Body Snatcher/O Túmulo Vazio**, de Robert Wise. **Apache Drums**, o seu único filme a cores, marcava o regresso de Lewton à produção após um período menos feliz e preparava-se para uma colaboração com Stanley Kramer quando um ataque cardíaco o fulminou aos 46 anos, não tendo sequer chegado a assistir à estreia deste filme. Talvez não seja errado dizer que **Apache Drums** é mais um filme de Lewton do que de Fregonese, porque está quase todo cheio das suas marcas, a começar pela economia por que ele era bem conhecido, e a terminar na “atmosfera” que é retintamente “lewtoniana”. Tomemos, por exemplo, o começo: após as típicas imagens de ravinas e planícies do Oeste, entramos numa pequena localidade e um plano mostra-nos um camponês, chegado de burro, a dar leite a um pequeno gato. O plano não só repete outro semelhante de **The Seventh Victim**, de Mark Robson (outra produção Lewton) como pode ser visto como uma referência ao **Cat People**. Aliás, o corte que aí se faz, usando o som do tiro como “raccord” para o interior da taberna, é também uma elipse que as produções Lewton muito usavam, como forma de economia. O final, quase “simétrico”, com o jumento que entra na igreja para ir mamar na burra, corresponde aos típicos anti-climax dos finais dos filmes de Lewton. Mas a prova mais sugestiva são os últimos 20 minutos do filme, insólitos no género, e onde Lewton parece evocar os seus trabalhos com Tourneur. Quase toda a sequência é pontuada pelos tambores tocados pelos apaches, criando a mesma atmosfera de mal-estar que provocavam ao longo de **I Walked With a Zombie** (Este permanente tan-tan gera uma reacção entre os cercados, que os levam a cantar em coro, como resposta, cena que Cy Endfield retomará nos anos sessenta em **Zulu**). O mais insólito é a perspectiva, porque tudo é visto apenas do interior da igreja onde os sobreviventes se refugiaram e resistiam ao ataque (os únicos planos exteriores mostram as mãos dos apaches tocando os tambores, servindo apenas para reforçarem a sensação de ameaça), como era também “subjectivo” o drama de Irina narrado em **Cat People**. A singularidade da cena não se limita a este aspecto. A arquitectura da igreja favorece uma série de cenas insólitas: o ataque dos apaches pelas janelas, lançando-se sobre os sitiados, pintados de diversas cores. Historicamente está errado mas esteticamente é fabuloso graças à fotografia a cores dando aos apaches, assim coloridos e iluminados pelos vermelhos vivos do incêndio da cidade (que só vemos nestes reflexos), o ar “diabólico” dos filmes de terror de Lewton.

É uma série B, e há um desequilíbrio evidente entre a primeira parte e a segunda, mas o que tem de bom, nesta, supera muito outros filmes de maior prestígio, e mostra-nos que a morte de Val Lewton foi mesmo uma grande perda para o cinema.

Manuel Cintra Ferreira